



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

FAZER SAÚDE NA CIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA CLÍNICA REICHIANA PARA A FORMAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

Catharina Hoffmann

RESUMO

Nos últimos anos há uma inserção maior do psicólogo no campo da saúde pública mas, mesmo com as formações acadêmicas acompanhando as mudanças, ainda é possível notar nos alunos uma “colagem” das abordagens psicoterápicas tradicionais nas situações coletivas de saúde. O Grupo de Movimento era uma possibilidade de diversificar tal intervenção em saúde. Entretanto, ela esbarrou no pouco conhecimento dos alunos e da instituição de ensino sobre Reich. As alternativas ao trabalho prático com o corpo eram as atividades que privilegiam a apropriação pelos sujeitos das cidades que habitam, de uma forma corpopoética, criando e recriando o corpo na cidade, como forma de realização do desejo e da existência.

Palavras-chave: Cidade. Corpo. Formação. Reich. Saúde Pública.

.....

Desde a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), temos observado a crescente inserção do psicólogo em atividades de saúde pública e saúde coletiva (SPINK, 2007), e embora as formações acadêmicas venham se adequando à realidade sócio-histórica-econômica do Brasil, ainda é forte a atração pelas práticas em psicologia consideradas “intimistas”.

Abordaremos uma experiência de formação em saúde pública vivenciada no contexto de um curso de graduação em Psicologia do ensino superior privado. A instituição em questão está localizada na cidade de Vitória/ES e oferece em torno de 13 cursos superiores. É uma instituição católica, mas curiosamente cerca de 70% dos alunos matriculados são de religiões evangélicas. Boa parte dos estudantes são da classe C, residindo na Grande Vitória.

Esta experiência se deu na disciplina obrigatória Estágio Supervisionado em Clínica e Saúde Pública, cursada por alunos de Psicologia que estavam entre o 8º. e o 10º. períodos (semestres). Observava-se que ao iniciarem o estágio em Saúde Pública, com frequência os alunos tinham a tendência em fazer um “recorta-e-cola” entre a(s) abordagem(ns) psicoterápica(s)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

aprendida(s) no estágio em Clínica e as situações do cotidiano dos sujeitos-alvo das ações em saúde. O resultado disso era uma frustração com o trabalho desenvolvido.

Os locais em que os alunos devem intervir são, na sua maioria, serviços do SUS. Os perfis sócio-demográficos da clientela do SUS ainda apontam para o predomínio de mulheres; de indivíduos com baixa escolaridade e baixa renda familiar *per capita*; são pardos ou negros; sem posse de plano de saúde privado (RIBEIRO *et al*, 2006). Dentre esses “clientes”, os alunos apontam as dificuldades de trabalhar com pacientes com transtornos mentais graves e com os usuários que não comparecem aos grupos de trabalho propostos (grupos terapêuticos; grupos educativos; palestras, etc.). “Mas o que quer essa clientela; esses sujeitos?”, “por que não atendem aos anseios do saber *psi*?”, por que não melhoram?”

É necessário entender que se trata de um sujeito social e político inaugurado no seio da história sócio-sanitária brasileira: antes do processo de higienização inaugurado no século XIX, as cidades brasileiras eram livremente habitadas. Com o advento da Medicina Social brasileira, objetiva-se a prevenção e a higiene, fundando-se uma nova ordem social apoiada pelo fortalecimento do capitalismo. A grande concentração urbana necessitava do apoio do saber médico para sua organização, fabricando uma saúde que tinha como principal ameaça os hábitos que precisavam ser corrigidos (BAPTISTA, 1999).

Nas duas primeiras décadas do século XX, o poder psiquiátrico ganha força. Segundo Baptista (1999, p.122), “[...]a psiquiatria analisando o ócio, a vagabundagem nos bares, preocupando-se com a indisciplina dos botequins e das praças, desqualificava a vida das ruas como lugar de conhecimento de si e do outro[...].” O Estado e seus intelectuais dimensionavam o espaço público e qualificavam o mundo privado como prioridade, fomentado o individualismo e criando barreiras entre o público e o privado.

Talvez nossas práticas de hoje sofram mais influências de uma ordem sanitária normatizadora do que imaginamos. Portanto, ao invés de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

perguntarmos “por que as pessoas não vêm aos grupos?”, devemos nos perguntar: “que ações de saúde estamos ofertando e com que objetivo?”.

Para pensar sobre o que realmente estamos oferecendo nos locais privilegiados de produção de saúde, destacaremos o trabalho de Wilhelm Reich, que aborda os conflitos humanos, ao mesmo tempo que inclui o social e o político. Os âmbitos biológico, fisiológico e psicopatológico de sua teoria do corpo se coadunam com seus estudos sobre a etiologia social das neuroses, em que entendeu que “(...) cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir.” (REICH, 1933/1998, p.4). Considerado o primeiro psicanalista a levar em conta o problema sócio-econômico na gênese dos distúrbios psíquicos, acreditava que o sofrimento e a angústia são artefatos produzidos por restrições sociais impostas à vida e ao corpo. A psicopatologia reichiana pensa o corpo como imerso na cultura e como expressão de seus efeitos. O corpo inscreve a história pessoal, mas é marcado também pela educação e pelo social. Assim, sendo depositário da neurose, o corpo torna-se instrumento privilegiado para que se intervenha sobre ela (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2005).

Tecnicamente, Reich cria uma forma de atuar que alia o trabalho verbal da análise à intervenção ativa no corpo, descritas fundamentalmente em Análise do Caráter, uma de suas obras mais respeitadas (REICH, 1933/1998). Não se trata apenas de interpretar o corpo no âmbito da linguagem, mas de reestruturar e reorganizar esse corpo, intervindo sobre o caráter, estrutura resultante de um processo de construção histórica, que está diretamente relacionado à redução da mobilidade individual, à rigidez e à cronicidade (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2005). A ligação direta entre caráter e o que Reich chamou de couraça se dá no corpo, no contato funcional entre os órgãos e os grupos musculares. Uma vez que os bloqueios e tensões musculares impedem a expressão emocional, a intervenção no corpo favorece o acesso à estrutura de caráter, ou seja, ao conjunto de atitudes corporais estereotipadas de uma pessoa, seja no modo de falar, de andar ou de se expressar.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

As autoras (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2005) lembram que, segundo Reich, o homem ocidental civilizado é prisioneiro dentro de uma couraça muscular que o impede de manifestar seus sentimentos espontâneos de amor e ódio, bem como de experimentar o orgasmo. Sendo a Teoria do Orgasmo um dos pilares fundamentais de seu pensamento clínico, Reich foi bastante acusado de genitalizar tudo (PEIXOTO JÚNIOR, 2006). Entretanto, para muitos seguidores, o conceito de potência orgástica não se refere apenas à relação genital concreta, mas a uma metáfora da entrega afetiva ao outro na vida em geral, o que inclui a vida sexual. Nesses termos, potência orgástica é a capacidade de abandonar-se ao fluxo de energia biológica; de descarregar a energia sexual reprimida por meio de convulsões do corpo, que Reich adjetiva como “involuntárias e agradáveis” (REICH, 1927/1975).

O desenvolvimento de um trabalho corporal nos estágios sempre foi pensado pela professora como uma ferramenta possível de promoção de saúde, mas as oportunidades de realizar um trabalho sob a ótica reichiana (e também neo-reichiana) foram apenas duas: a primeira foi na Semana de Psicologia em 2010. Neste evento, os alunos de todo o curso podiam se inscrever voluntariamente para a oficina, independentemente do período que cursavam. A outra veio em 2011 a convite de uma professora que ministrava uma disciplina em que Reich era um dos vários teóricos (Jung, Sullivan, Winicott, etc., eram outros) abordados ao longo de um único semestre. Os alunos daquela disciplina eram do 5º. período e já tinham uma noção básica de Psicanálise. Estas experiências foram de muito valor, mas não atingiram o cotidiano do estágio.

Na literatura técnica, a falta de hábito às idéias de Reich, a ausência de vivência prática das técnicas corporais e conseqüentemente a falta de domínio técnico das mesmas, são apontadas como fatores que fazem um professor não querer utilizar intervenções corporais no contexto de supervisão clínica, nem mesmo para alunos do último ano de Psicologia (CIPULLO, 2000). Este autor defende que o trabalho reichiano necessita de boa dose de auto-conhecimento psico-corporal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

Cipullo (2000, p. 31-32) ainda aponta que “Reich ,não raramente, é ensinado nas universidades com alguma dose de sarcasmo e preconceito, dando a entender que os terapeutas reichianos se relacionam sexualmente com suas pacientes(...)”. Complementa que estas distorções acabam criando certas marcas no imaginário do aluno, conforme experiência que ele já presenciou. Finaliza dizendo que as clínicas-escolas não estão habituadas ao trabalho reichiano, com seus sons e movimentos que causam estranheza tanto de outros membros da instituição de ensino quanto dos próprios pacientes. Da mesma forma, notamos que nestas duas experiências de Grupo de Movimento (GM) --assim como em boa parte dos grupos já realizados com outros estudantes de Psicologia de outras instituições de ensino --, não se conseguia inserir movimentos e exercícios que remetiam à sexualidade e/ou à sensualidade, sem que fossem provocados risos ou um certo retraimento dos participantes.

Entendemos que há uma parcela de responsabilidade das instituições de ensino em serem receptivas a esta abordagem fornecendo de forma permanente material necessário para praticá-la e oferecendo a possibilidade de aprofundamento na técnica reichiana e no seu pensamento. Na região da Grande Vitória (que inclui 7 municípios), por exemplo, somente metade dos cursos de Psicologia oferece ou já ofereceu atividades integradas de disciplina teórica com estágio prático nesta área, sendo algumas citadas em Rasch (2009).

Cabe destacar dificuldades no trabalho do Estágio como o número elevado de estagiários que o professor deve supervisionar (uma média de 47 alunos por semestre); a indisponibilidade dos alunos para leitura de material extra; o imediatismo dos estagiários. Já os alunos enfrentam o preconceito contra a figura do estagiário; um espaço físico inadequado para vivências em geral; dificuldade de inserir um trabalho novo dentro da grade da instituição, além de pouca possibilidade de investir (financeiramente e temporalmente) no próprio processo terapêutico e/ou de auto-conhecimento.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

Uma vez que o trabalho corporal propriamente dito não pode ser realizado ao longo do Estágio, trabalhamos para que os alunos criassem uma abertura ao sensível, aos corpos que se lhes apresentam não dentro dos consultórios, mas fora, nas cidades. A cidade é o espaço privilegiado de sensações. Entretanto, a sensorialidade que a cidade exala e nos retorna pode não agradar, gerando desprazer, ao invés de excitar nosso prazer. Se esse for o caso, não desejamos mais a cidade; escapamos dela: vamos para o silêncio do parque ou viajamos para o interior no fim de semana (ARDENNE, 2012). Na América Latina as favelas explodem, o que ele considera como as “cidades expulsas da cidade”. São espaços que queremos longe, dos quais escapamos. Lembro-me de alunos relatarem em supervisão certa rejeição ao que encontravam quando tinham que realizar visitas domiciliares aos usuários das Unidades de Saúde: o medo de subir o morro; o esgoto passando a céu aberto; as casas das famílias que eram “uma dentro da outra”; a falta de cuidados com higiene; as ruelas estreitas. Este é um exemplo de sensorialidade geradora de desprazer que afasta os alunos de lugares onde eles deveriam intervir.

Magalhães (2012, p.183) vem nos dizer que “diferentemente do que alguns pensam, a favela é uma expressão do desejo de famílias pobres de inserção na vida moderna e urbana. (...)”; que os moradores de favelas querem compartilhar a vida coletiva urbana, conseguir um emprego que os sustente, uma escola para que a próxima geração tenha novas perspectivas, saúde, interação social. Esse é o desejo da clientela dos serviços de saúde pública.

Se queremos uma vida psíquica mais saudável, menos neuroses, menos apropriação do desejo pelo Capital, embarquemos na provocação de Ardenne (2012): como abordar a cidade para dela fazer um palco para existência onde o corpo é a realização do desejo? Se nas diversas cidades do mundo tem-se a apropriação do espaço urbano por artistas, por performances e protestos, numa escala menor, trabalhando com usuários nos serviços de saúde implantados nas cidades, podemos dizer que o GM é uma estratégia corpopoética de realização do desejo. O termo corpopoética é um neologismo que entende poética como criação, *poiesis*, e corpo como algo permanentemente formulado, recriado. Mesmo não conseguindo realizar GM's,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

a idéia de corpopoética carrega a potência de criação para outros propósitos onde o corpo está presente. Um exemplo é o trabalho coletivo de coleta de lixo alavancado pelas lideranças comunitárias de um dos morros onde os estagiários atuam. Outro exemplo são os trabalhos de Acompanhamento Terapêutico (AT) com pacientes que sofrem com algum tipo de transtorno mental. Alguns alunos puderam perceber como é produtiva para a relação com o paciente a ocupação da cidade, viabilizando a produção do simbólico por seus próprios habitantes, para a construção de uma vida saudável.

Nesse sentido, fazemos uma costura com a psicologia política de Wilhelm Reich, que se desenvolve na tensão entre duas premissas: a) a premissa originária -- oriunda de sua experiência em clínicas públicas -- de que a psicoterapia seria insuficiente para dar conta do problema do sofrimento psíquico (que via como uma grave questão de saúde pública). Reich afirmava que era necessário um trabalho preventivo (e não preventivista) que implicava em radicais alterações da ordem social; e b) uma segunda premissa era de que a revolução social pressupunha profundas transformações na constituição psíquica das massas (WEINMANN, 2003). De alguma forma, movimentos como os da corpopoética no contemporâneo são um modo de transformação dessa “constituição psíquica” ou de produzir uma outra subjetividade, ao mesmo tempo em que intervêm no social. A perspectiva reichiana, que se constrói a partir de um diálogo permanente entre marxismo e psicanálise e dos eixos da sexualidade e do poder, pensa a esfera pública sem desprezar a vida privada, uma vez que reconhece a atividade política como atravessadora de todos os pontos do tecido social.

Faz-se urgente que o psicólogo que atua em saúde pública seja um profissional conectado com o contexto social à sua volta, mais especificamente com a realidade brasileira. Quem sabe, numa era pós capitalista, os jovens em formação possam se aprofundar no corpo material e encorajado de que fala Reich? O corpo que resiste às normatizações, em busca de sua auto-regulação.

.....

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

REFERÊNCIAS

ARDENNE, P. A cidade corpopoética. In: SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS MUSEU VALE, 2012, Vila Velha. Se essa rua fosse minha...sobre desejos e cidades. **Anais**. Vila Velha, 14 a 18 de março de 2012, p. 128-143.

BAPTISTA, L.A. **A cidade dos sábios**. Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.

CIPULLO, M.A.T. Leitura energética e metáfora: uma proposta de intervenção em supervisão clínica. **Revista Reichiana**, São Paulo, n.9, 2000, p.31-40.

CUKIERT, M. ; PRISZKULNIK, L. Reich e Freud: Apontamentos sobre filiação e ruptura. **Revista Reichiana**, São Paulo, n.14, 2005, p.13-31.

MAGALHÃES, S. F. Cidade, desejo e rejeição. In: SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS MUSEU VALE, 2012, Vila Velha. Se essa rua fosse minha...sobre desejos e cidades. **Anais**. Vila Velha, 14 a 18 de março de 2012, p. 176-189.

PEIXOTO JUNIOR, C.A. Sobre a crítica da perversão social em Reich, Fromm e Marcuse. **Physis. Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n.8, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v8n1/06.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012, p.101-121.

RASCH, S.S. Reich e ensino superior: Vias de inserção. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009, **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. Disponível: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202009/RASH,%20Scheila%20Silva%20-%20Reich%20e%20ensino%20superior.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.

REICH, W. **A função do orgasmo** (1927). São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **Análise do Caráter** (1933). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, M.C.S.A. *et al.* Perfil sócio-demográfico e padrão de utilização de serviços de saúde para usuários e não-usuários do SUS – PNAD 2003. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.4, n.11, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v11n4/32337.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011, p.1011-1022.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

HOFFMANN, Catharina. Fazer saúde na cidade: contribuições da clínica reichiana para a formação em saúde pública. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

SPINK, M.J.P (Org.). **A psicologia em diálogo com o SUS**. Prática profissional e produção acadêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

WEINMANN, A. O. A Psicologia política de Wilhelm Reich. **Revista Reichiana**, São Paulo, n.12, 2003, p. 64-71.

.....

AUTORA

Catharina Hoffmann/ES – Psicóloga graduada na UFES, CBT em Análise Bioenergética pelo IABSP/IIBA, Mestre em Psicologia Institucional pela UFES. Professora na área de Psicoterapia Corporal e de Saúde Pública no ensino superior. Atuante em consultório particular há 12 anos.

E-mail: catharina.hoffmann@gmail.com

